

Hoje em Dia - MG - 10/07/2002

O emprego dos lacres teve grande impulso durante o processo de privatização, na década de 90, diante da postura das administrações privadas das empresas de infra-estrutura com a redução de custos - desperdícios - e o controle da segurança dos próprios equipamentos e serviços, principalmente nos setores de energia e telecomunicações. O boom para esses equipamentos aconteceu a partir de 1999. Os negócios anuais com os lacres somam **R\$ 150 milhões**, apesar do pequeno valor unitário do produto: um selo

de segurança custa entre R\$ 0,20 e R\$ 0,50.

→ A ELC tem uma produção mensal de 15 milhões de lacres de plástico (polycarbonato) e trabalha com expectativa de crescimento de 15% em 2002. O diretor-geral da ELC, André de Lima Castro, destaca que, pelo menos, 25% da receita da empresa estão nos negócios

das distribuidoras de **energia, gás e água**. O segmento de transporte de valores participa com 35% das vendas.

→ Os lacres de segurança da ELC foram desenvolvidos pela própria empresa e patenteados no exterior. Cerca de 50% da produção da ELC é exportada para 20 países. Nos EUA, o Correio é

cliente estratégico para a empresa brasileira. De acordo com a empresa, o Departamento de Defesa aprovou um dos itens "para lacrar **ogivas nucleares**".

→ A ELC gera 400 empregos diretos e pretende entrar no nicho de distribuição de combustíveis (lacres de segurança para caminhões-tanques, para evitar adulteração do produto) e produtores de **aves e bovinos** (selos de identificação e controle, para evitar a propagação de doenças como febre aftosa e mal-da-vaca-louca).